

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
FACULDADE DE LETRAS

JONAS RODRIGUES SARAIVA

**INFERIR E PREDIZER: PONTOS DE CONTATO ENTRE
PSICOLINGUÍSTICA E PRAGMÁTICA**

PORTO ALEGRE

2013

JONAS RODRIGUES SARAIVA

**INFERIR E PREDIZER: PONTOS DE CONTATO ENTRE
PSICOLINGUÍSTICA E PRAGMÁTICA**

Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em linguística.

PROFESSOR ORIENTADOR
PROF. JORGE CAMPOS DA COSTA

PORTO ALEGRE
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S243i Saraiva, Jonas Rodrigues
Inferir e prever: pontos de contato entre psicolinguística e pragmática /
Jonas Rodrigues Saraiva. – Porto Alegre, 2013.
77 f.

Diss. (Mestrado em Linguística) Programa de Pós Graduação em Letras
– Faculdade de Letras, PUCRS.
Orientação: Prof. Dr. Jorge Campos da Costa.

1. Linguística. 2. Interface. 3. Inferência. 4. Estratégia de predição. I.
Costa, Jorge Campos da. II. Título.

CDD 410

JONAS RODRIGUES SARAIVA

**INFERIR E PREDIZER: PONTOS DE CONTATO ENTRE
PSICOLINGUÍSTICA E PRAGMÁTICA**

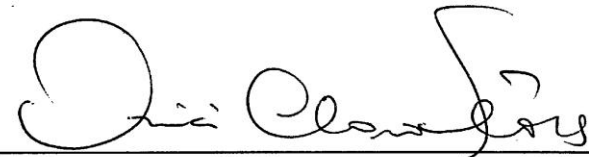
Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em linguística.

Aprovada em 17 de janeiro de 2013


BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Jorge Campos da Costa - PUCRS



Profa. Dra. Onici Claro Flôres - UNISC



Profa. Dra. Vera Wannmacher Pereira - PUCRS

“Id est sapientis providere.”
“Prever é próprio do homem inteligente.”

(Cícero)

RESUMO

Psicolinguística e Pragmática são áreas da linguística que mantêm pontos teóricos convergentes, sendo o principal deles a possibilidade de ver a linguagem como processo cognitivo. Este trabalho aborda dois aspectos das referidas áreas buscando compará-los e aproximá-los: inferência, pelo enfoque das teorias pragmáticas, e predição, sob o prisma da teoria psicolinguística das Estratégias de Leitura. Por meio da análise minuciosa das pistas linguísticas de um texto de gênero radiopropaganda, busca-se demonstrar a relação entre inferência e predição ao compreender.

Palavras-chave: interface; inferência; estratégia de predição.

RESUMEN

Psicolingüística y Pragmática son áreas de la lingüística que mantienen puntos teóricos convergentes, siendo el principal de ellos la posibilidad de ver el lenguaje como proceso cognitivo. Este trabajo aborda dos aspectos de las referidas áreas buscando compararlos y aproximarlos: inferencia, por la perspectiva de teorías pragmáticas, y predicción, bajo el enfoque de la teoría psicolingüística de Estrategias de Lectura. Por medio del análisis minucioso de las pistas lingüísticas de un texto de género radio-propaganda, se busca demostrar la relación entre inferencia y predicción en la comprensión.

Palavras-chave: interfaz; inferencia; estrategia de predicción.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	12
2.1 Processamento cognitivo da linguagem	12
2.2 Psicolinguística	13
2.2.1 Predição	17
2.3 Pragmática	23
2.3.1 Inferência	24
2.4 Inferência e Inferência	39
2.5 Em resumo: relações predição-inferência	40
3 METODOLOGIA.....	42
3.1 Corpus.....	42
3.2 Estrutura de análise e legendas.....	43
3.3 Análise.....	46
3.4 Considerações sobre a análise	65
4 CONCLUSÃO	68
REFERÊNCIAS	72
ANEXO 1.....	76
ANEXO 2.....	77

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho está situado entre os que abordam a linguagem para observá-la, estudá-la e descrever seus fenômenos analiticamente. O intuito principal é aproximar as áreas de pesquisa linguística Pragmática e Psicolinguística, estudando os fenômenos da inferenciação e da predição, pertencentes a essas áreas respectivamente. Para tanto, a hipótese principal é a de que esses fenômenos se dão em uma relação de interdependência, na qual, para ocorrer o segundo, necessita-se do primeiro.

As diferentes áreas do conhecimento convergem atualmente para a especialização cada vez mais apurada em cada assunto de cada objeto de estudo. Essa especialização traz benefícios e gera necessidades, sendo uma delas a de pontos de contato entre as áreas.

Esses pontos de contato, como dito, necessários com o advento da máxima especialização das áreas, serão aqui tratados pelo termo “interface” que também pode ser entendido, conforme nomenclatura mais difundida, como “interdisciplinaridade”.

Na linguística, podem-se construir muitas interfaces, que se dividirão em internas – interfaces entre as áreas de base: fonologia, morfologia, lexicologia, sintaxe, semântica – e externas – interfaces construídas entre uma das áreas de base da linguística (ou várias delas) com áreas afins: linguística e psicologia, linguística e computação, linguística e matemática etc.

A proposta de trabalho relaciona a Pragmática e a Psicolinguística, dado o aspecto comum entre elas de assumir-se a linguagem como

processo cognitivo¹. É esse aspecto em comum que permite a possibilidade de se construir a interface aqui buscada.

Ao estudar-se o processamento cognitivo da linguagem humana, é possível deparar-se com a capacidade de produzir e reconhecer informações que não estão presentes no código materializado, mas que são dele retiradas. Essa capacidade, a partir dessas informações, parece poder potencializar o processo de antecipação da materialização do código, ou seja, predizer a linguagem.

As reflexões deste trabalho se darão principalmente sobre esses dois aspectos, que têm máxima relevância no arcabouço de estudos de suas respectivas áreas: a inferência para a Pragmática, e a predição para a Psicolinguística. A existência de relações entre eles – como dito, hipótese fundamental do trabalho – será demonstrada por meio da análise conjunta de um texto, o que também explicitará os pontos de contato entre as áreas em que se encontram.

O trabalho surge do interesse do autor pelas áreas abordadas (Pragmática e Psicolinguística) e da sua experiência em pesquisas e estudos com base nessas. Também da necessidade de construção de interfaces produtivas para estudos em linguística, bem como de compreensão dos aspectos advindos da visão de linguagem como faculdade cognitiva puramente humana.

A partir de tais considerações, tem-se por objetivos “contribuir para os estudos que buscam interfaces produtivas entre áreas da linguística”, e, mais especificamente: analisar, linguisticamente, um texto do gênero

¹ Para Preece (2005), tudo que se vê, sente, toca, prova, cheira e faça é expresso em termos de processamento de informação. Para Sternberg (2000), a psicologia cognitiva trata do modo como as pessoas percebem, aprendem, recordam e pensam sobre a informação.

propaganda radiofônica, buscando relações internas e externas existentes entre processos inferenciais e preditivos, visualizando por meio dessa análise os pontos de contato entre as áreas envolvidas.

Norteados pela hipótese principal, os objetivos e teorias de estudo da linguagem Pragmáticas e Psicolinguísticas, o presente texto está estruturado conforme explicitação que segue.

No capítulo subsequente, o de número dois, constam os pressupostos teóricos que embasam as análises. Nesse capítulo, é abordada a visão de processamento cognitivo da linguagem e são relacionadas, a partir dele, a Pragmática e a Psicolinguística, após uma exploração inicial isolada de cada uma dessas áreas. Também são aprofundados os conceitos-chave das análises, a predição e a inferência, bem como as possibilidades de relação entre eles.

No capítulo de número dois, tendo já sido conhecidos os pressupostos teóricos, consta a metodologia do estudo, momento em que se apresentam o *corpus*, a estrutura de análise, a análise e as considerações sobre ela.

Nos dois últimos capítulos, são apresentadas respectivamente as conclusões do estudo e as referências bibliográficas nele utilizadas. Após estas, há os arquivos anexos, sendo, o primeiro, o áudio da versão original do texto utilizado na análise, e, o segundo, uma cópia da sua permissão de uso neste trabalho, por parte da empresa responsável.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Este capítulo, como mencionado anteriormente, apresenta os elementos teóricos que embasam o estudo. A visão de linguagem como processo cognitivo é o primeiro tópico abordado, tendo em vista que as relações entre Psicolinguística e Pragmática são propiciadas por ele.

Na sequência, são abordadas individualmente essas áreas, e, dentro de cada uma delas, abordados os conceitos de predição e inferência. Até esse ponto, esses dois conceitos estarão apresentados separadamente. O último tópico deste capítulo visa a aproximá-los para introduzir teoricamente a hipótese que será corroborada pela análise do capítulo subsequente.

2.1 Processamento cognitivo da linguagem

A visão aqui assumida considera a linguagem como faculdade cognitiva, podendo ser observada sob diversos olhares teóricos. Nesse ponto, cabe uma abordagem maior, ainda que breve, do conceito de cognição.

O termo cognição está claramente relacionado a conhecimento, e falar em processamento cognitivo, hoje, significa assumir os processos mentais que envolvem toda a experiência, aquisição, produção, alteração, armazenamento e evocação do conhecimento – considerando as variações para esses termos na literatura das diversas teorias.

Nessa visão, a Psicolinguística e a Pragmática são áreas da linguagem que buscam conhecer processos mentais para o uso da

linguagem natural², ponto de interesse que as aproxima. Dois desses processos são a predição e a inferenciação.

Sendo assim, cabe um estudo teórico mais aprofundado dos conceitos de predição e inferência, pertencentes respectivamente à Psicolinguística e à Pragmática, para explicitar suas relações de uso na linguagem natural e, por conseguinte, as relações entre as áreas que os estudam.

No próximo tópico, serão abordadas as questões teóricas referentes à Psicolinguística.

2.2 Psicolinguística

A Psicolinguística, em linhas gerais³, é a área da ciência que une Psicologia e Linguística para o estudo do processo de produção da linguagem humana e considera esse processo como totalmente cognitivo.

De acordo com a direção teórica Psicolinguística assumida, o processamento cognitivo da linguagem ocorre basicamente utilizando-se dois movimentos: ascendente (*botton up*) e descendente (*top down*). Com base em Gough (1972, 1985), Goodman (1976, 1985, 1988), Rumelhart (1977) esses movimentos podem ser explicados da seguinte forma:

a) Ascendente

² Entende-se por “linguagem natural” a linguagem humana em processo de execução, de uso, falado ou escrito, e por qualquer meio transmissor, desconsiderando linguagens lógicas e linguagens não criativas e não recursivas.

³ Sugere-se o texto de Scliar-Cabral (1991) para aprofundamento nas bases da área.

Movimento cognitivo de raciocínio que utiliza mais dados da fonte de informações – texto de um livro, no caso da leitura, por exemplo – do que dados já existentes no *background* (aqui: gama de sinapses em que constam os conhecimentos prévios) do usuário – no caso de um livro, o leitor.

b) Descendente

Atividade cognitiva de raciocínio que utiliza mais os dados já adquiridos pelo usuário (conhecimentos prévios) que dados colhidos na fonte de informações.

Esses movimentos são a utilização das informações visuais (pistas linguísticas) e das não visuais (conhecimentos prévios) durante a comunicação.

É sabido que não são excludentes, quando em uso, haja vista a necessidade de informações advindas dos dois processos para a compreensão.

Para que ela ocorra, segundo Smith (1989) é necessário que haja a combinação das informações visuais com as não visuais. Isso representa a interação do usuário com a informação linguística.

Kato (1995) apresenta uma definição objetiva do processamento de leitura nos dois processos ao dizer que

O leitor idealizado pelo modelo ascendente é aquele que analisa cuidadosamente o input visual e que sintetiza o significado das partes menores para obter o significado do todo. O leitor idealizado pelo modelo descendente é aquele que se apoia principalmente em seus conhecimentos prévios e sua capacidade

inferencial para fazer previsões sobre o que o texto dirá, utilizando os dados visuais apenas para reduzir incertezas (pp. 66 e 67).

Como exemplo, considere-se o pequeno texto⁴ a seguir e uma rápida análise:

O princípio da relatividade foi introduzido na ciência moderna por Galileu e afirma que o movimento, ou pelo menos o movimento retilíneo uniforme, só tem algum significado quando comparado com algum outro ponto de referência (...)

O excerto foi escolhido por tratar-se de um tema complexo, pertencente aos estudos da Física, que é – de maneira geral – desconhecido – acredita-se – pela maioria dos usuários da língua. O site fonte utilizado é um domínio de acesso e edição públicos e possibilita a postagem dos textos em linguagem acessível. Esse aspecto também foi considerado, quando da escolha, pois se tem a intenção de demonstrar os dois processos nesse mesmo texto; a acessibilidade da semântica do texto facilita esse intento.

Considerando-se que o usuário, no caso, o leitor, seja proficiente⁵ e que tenha conhecimento pleno da língua portuguesa, veja-se a explicação abaixo: o leitor, ao ler a primeira frase, percebe que o texto é explicativo e já sabe previamente, ainda que não tenha consciência plena disso, que predominará uma estrutura descritiva. Essas informações vieram totalmente do texto pela primeira proposição. Logo ao início, é necessário saber previamente quem foi Galileu, ou será preciso depreender do texto

⁴ Do site http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_da_relatividade. Acesso em 02 de novembro de 2011.

⁵ Considere-se: que lê com excelência e fluência linguísticas e cognitivas e não apresenta geralmente dificuldades de compreensão leitora.

informações mínimas sobre ele (a relação com o assunto leva a crer que provavelmente tenha sido um físico ou matemático). Com a expressão “movimento retilíneo uniforme”, podem-se fazer os dois movimentos: se o leitor tem conhecimentos prévios desse conceito de física, o raciocínio para compreensão será instantâneo e até o movimento ocular será rápido e passageiro sobre essas palavras, avançando imediatamente para as posteriores.

Se, entretanto, o leitor não souber exatamente o que significa essa denominação, sua atenção se voltará para ela até que consiga compreendê-la (ou pelo menos “envolvê-la” pelo contexto), precisando deter-se muito mais tempo sobre a informação linguística e dependendo totalmente dela para o correto entendimento: o leitor provavelmente separará a expressão nas três palavras que a formam para, então, analisando o sentido de cada palavra isoladamente e a relação desses (sentidos) na expressão – análise do sentido de movimento; análise do sentido de retilíneo; análise do sentido de uniforme = movimento de algo em linha reta uniformemente, sendo este último ponto provavelmente relativo a sua velocidade –, depreender o sentido correto, compreendendo essa parte do texto.

Os movimentos (*top down* e *botton up*) são feitos durante todo e qualquer texto, nas partes e conceitos menores, a fim de que se compreenda o sentido do tema central, conceito chave que está sendo trabalhado – no caso, a teoria da relatividade.

Considerando o processamento, o leitor, segundo Solé (1998) e Pereira (2009), entre outros autores, faz uso de estratégias para compreensão. Essas estratégias são utilizadas dependendo dos intuítos que o usuário tem ao entrar em contato com a informação linguística.

Por exemplo, no trecho citado anteriormente, se houvesse a intenção por parte do leitor em buscar o nome do criador do conceito de relatividade, não seria necessário reler todo o texto, atentando para todas as informações disponíveis – e não relacionadas diretamente à informação buscada. Seria mais rápido e estratégico direcionar a atenção e os movimentos oculares a pontos específicos no texto (palavras iniciadas por letras maiúsculas, por exemplo) para otimizar o processo. Essa estratégia de leitura é chamada de *Skimming* e é utilizada para os casos em que não se faz necessária uma leitura linear e detalhada do texto para a obtenção de alguma informação ou compreensão de algum aspecto específico.

Para um conhecimento maior sobre cada uma dessas estratégias e suas funções, podem ser verificados os escritos das referidas autoras. O presente trabalho detém-se sobre somente uma dessas estratégias, que parece ser, segundo os estudos de Pereira, a estratégia-chave: a predição.

O próximo tópico dedica-se a abordá-la.

2.2.1 Predição

É desnecessário um estudo aprofundado do conceito de predição, tendo em vista estar claro pela própria palavra que o nomeia: ato de dizer, conhecer antecipadamente uma informação.

Esse é um conceito primordial, em se tratando de compreensão, pois é a capacidade de formular hipóteses prévias, com base em pistas

linguísticas (ou não⁶), sobre conceitos, informações e dados que estão mais adiante no texto – não importando o meio por que é veiculado.

Smith (1989), um dos principais autores dessa abordagem, afirma que

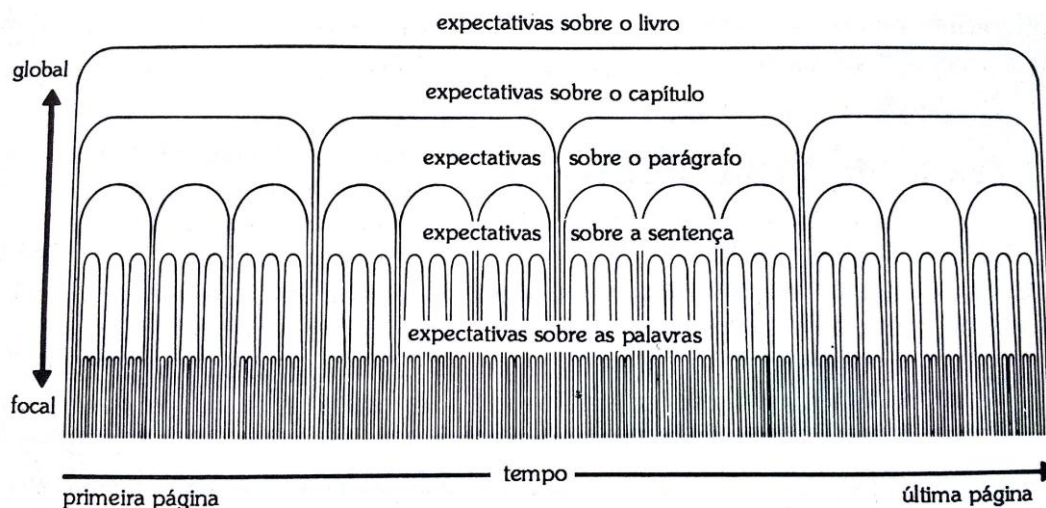
A previsão é o núcleo da leitura. Todos os esquemas, *scripts* e cenários que temos em nossas cabeças – nosso conhecimento prévio de lugares, situações, de discurso escrito, gêneros e histórias – possibilitam-nos prever quando lemos, e, assim, compreender, experimentar e desfrutar do que lemos. A previsão traz um significado potencial para os textos, reduz a ambiguidade e elimina, de antemão, alternativas irrelevantes (p.34).

O autor ressalta que compreensão e predição estão interligadas. Para ele, prever é fazer perguntas, e compreender é ter capacidade de responder a perguntas. Essas perguntas, realizadas durante uma leitura, por exemplo, são previsões sobre os trechos sucessores. São previsões hipotéticas que podem ser corroboradas ou negadas à medida que o trecho alvo da predição vai sendo lido e compreendido.

Essas hipóteses preditivas, segundo Smith, são feitas em níveis diferentes, desde os mais globais aos mais focais.

Observe-se a imagem a seguir, apresentada por Smith (p.206).

⁶ Embora a teoria não abarque a análise de pistas não linguísticas para a predição, tampouco exclui essa possibilidade que claramente existe e é utilizada.



Nesse sentido, considere-se, por exemplo, a seguinte situação prática⁷:

Em uma livraria, uma senhora circula por entre as estantes e para quando lê “Juvenis”. Ela decide não se deter, pois acha [1] que não haverá ali livros interessantes para si. No entanto, um dos títulos chama a atenção: “Jovens de 40 anos”. Ao lê-lo, logo se identifica com a obra e opina [2], pelo título, que deva tratar de pessoas na casa dos quarenta que mantêm um espírito jovem. Ela então decide olhar a sinopse da contracapa. Percebe que a etiqueta de preço está cobrindo algumas palavras, mas continua: “Existem muitos jovens que, apesar da tenra idade, mantêm um espírito envelh[redacted] [3] e acabam não aproveitando tudo o que a vida ofe[redacted]... [4]”. A senhora fecha o livro e o deixa novamente em seu lugar, reafirmando a percepção inicial [1] de que não há livros naquela estante para ela. Dirige-se à estante “Autoajuda” e pega o primeiro livro: “A crise dos 40”...

⁷ Criada pelo autor.

O exemplo, fictício, tipifica uma situação corriqueira de uso de predições. [1] seria uma predição anterior às relacionadas ao livro, e serve como protótipo de expectativa cotidiana comum. [2], com relação ao livro, é uma hipótese global, ou seja, de grande amplitude. [3] e [4] podem ser consideradas focais, com maior focalização, considerando o livro como: capa/título > capítulos > parágrafos > frases > palavras > morfemas...

Observe-se a ocorrência da repetição de [1] no texto. A frase “reafirmando a percepção inicial” foi utilizada para introduzir a possibilidade de confirmar ou refutar e reformular hipóteses de predição. Assim sendo, o usuário da língua faz suas antecipações, cria suas expectativas, tanto globais como focais sobre um texto, de forma hipotética esperando confirmá-las ou refutá-las quando um fato, informação... propiciar isso.

Em síntese, com base nas pistas linguísticas de um texto, podem-se fazer predições. Analisando [3] e [4], é possível perceber que são as pistas do contexto que permitem completar a frase.

“Existem muitos jovens que, apesar da tenra idade, mantém um espírito envelhecido [3] e acabam não aproveitando tudo o que a vida oferece... [4]”.

Para se chegar, em [3], a “envelhecido”, e, em [4], a “oferece”, foram utilizadas pistas como, em [3]:

- o título, que leva à relação jovem – velho.
- o uso de “apesar”, que expressa ideia concessiva, contrária, ligada a “jovens”.
- o gênero e o número de “espírito”.

- a estrutura do início da palavra: “envelh...”.
- o reconhecimento de “envelh...” como adjetivo.
- a necessidade de concordância do substantivo com o adjetivo que a ele se refere.

Porém, as pistas que geram a hipótese preditiva [1] não são somente as linguísticas presentes no texto. O raciocínio parte da informação linguística explícita “Juvenis”, mas, até chegar a “não há livros aqui que interessem a pessoas da minha idade”, passa por um complexo processamento e pela inserção de várias outras informações que não estavam explícitas.

Parece haver, portanto, níveis abaixo (ou acima) do linguístico materializado para a chegada à conclusão (e à compreensão). Níveis tanto de informações quanto de raciocínio, processamento do não explícito, ou seja, do implícito.

Nesse ponto, podem ser feitas as perguntas: Predições são feitas somente a partir de informações lidas? A predição é feita somente com base em informações *in presencia*? Que processamentos são utilizados para gerar as hipóteses preditivas?

A primeira dessas perguntas parece ter sido respondida – pelo menos brevemente – pelo próprio Smith.

À medida que lemos, à medida que escutamos alguém falando, enquanto atravessamos a vida, estamos constantemente fazendo perguntas, e, se somos capazes de encontrar respostas para tais perguntas, então compreendemos (p.34).

Os estudos nesse sentido são ainda em pequeno número, já que a maioria dos autores que abordam as estratégias de leitura, em especial, a

predição, fazem isso tomando como ponto de partida do *input* o texto escrito, haja vista o nome “estratégias de leitura”.

Pereira (2012a; 2012b) tem iniciado estudos sobre estratégias de leitura chamando-as “estratégias de compreensão”, na medida em que pesquisa como se dá o processamento das estratégias em *audiobooks*.

Ou seja, a capacidade de prever situações e informações é presente nas mais variadas esferas de comunicação e, segundo Smith, nas mais variadas situações da vida.

No intuito de responder às demais perguntas, pode-se começar voltando à afirmação de Kato (1995): “O leitor (...) se apoia principalmente em seus conhecimentos prévios e sua capacidade inferencial para fazer predições sobre o que o texto dirá...”.

Para dar seguimento a essas questões, os estudos pragmáticos têm especial importância, no sentido de inserirem-se os conhecimentos sobre o processo de inferenciação.

É sobre eles que trata o próximo tópico.

2.3 Pragmática

A visão Pragmática⁸ aqui assumida mantém a ligação da disciplina com a semântica – reservando a esta o estudo das relações dos signos com os objetos – e coloca-se numa fronteira de interface com ela – reservando para si o estudo dos signos na relação com o(s) contexto(s) de uso. Campos (2008 – tópico 1.2), além de apoiar essa definição, discute analiticamente outras definições e concepções. Para o presente estudo, a partir da compreensão geral da discussão feita por ele, será relevante considerar incluída na definição de Pragmática a ideia de ser ela uma subteoria da interface com a Semântica e com o conhecimento de mundo.

Essa visão considera possíveis para o ser humano dois processos cognitivos em linguagem natural: a produção e a compreensão de inferências. Na história da linguística, são abundantes os estudos⁹ sobre essa capacidade.

Dentre eles, as produções de Levinson (1983, dentre outros), Grice (1957; 1975) e Sperber e Wilson (2005) são de especial importância para a presente reflexão. Deles, Grice foi o pioneiro, apresentando a Teoria da Implicaturas, que será abordada a seguir.

O tópico subsequente é dedicado ao estudo das inferências.

⁸ Sugere-se o texto de Costa (2008) para aprofundamento na área.

⁹ Mcleod (1977), Morrow (1990), Seifert (1990), Clark (1977), Scott (1985), Mckoon e Ratcliff (1992), Kintsch (1988) etc.

2.3.1 Inferência

A capacidade de fazer inferências em linguagem natural se refere à possibilidade de entender o não dito, o subentendido, o implícito, de acrescentar ao texto¹⁰ informações nele não presentes, mas possíveis por pistas linguísticas presentes.

Nos estudos sobre inferências, são importantes as reflexões sobre: Por que são feitas? Como são feitas? Quando são feitas?

A última questão dá origem a outra: Quais as características das inferências?

Essas perguntas, que guiarão o desenvolvimento deste tópico do constructo teórico, são de grande complexidade e, neste momento, não serão respondidas completamente.

Portanto, as duas primeiras perguntas serão respondidas superficialmente¹¹: inferências são feitas, pois, sem elas, seria impossível a compreensão de algumas proposições; são feitas por meio de processos mentais de raciocínio e memória – levando em conta conhecimentos prévios e pistas do *input* produtor da inferência.

¹⁰ Entenda-se por “texto” qualquer realização linguística com sentido em linguagem natural (texto, discurso, imagem, código em uso...).

¹¹ Com base em Coscarelli (2002).

Este trabalho reconhece as várias tentativas de teóricos¹² em classificar as inferências. Porém, não se faz necessária uma nova tentativa para tanto. O caminho utilizado para tentar organizar e diferenciar inferências será o de analisar suas características, levando em conta as duas últimas perguntas levantadas.

2.3.1.1 Características das Inferências

Tendo em vista o exposto nos dois tópicos antecedentes, a construção de uma classificação de inferências não será o foco neste momento. Entretanto, organizá-las e diferenciá-las, reconhecendo suas características permitirá conhecê-las e identificá-las durante a análise. Costa¹³ propõe (com base em Grice, Levinson, Sperber e Wilson e outros) uma organização das inferências com a qual este estudo está afinado.

a) Inferências lógicas

As inferências lógicas são as formadas por premissas e conclusões. São geralmente as que utilizam a estrutura de raciocínio lógico *se... então*.

Por exemplo:

A viúva negra mata seus companheiros. Ela já arrumou um novo companheiro...

¹² Cook, Limber e O'brian (2001); Narvaez, Van den Broek e Ruiz (1999 – baseados em Trabasso e Magliano (1996)).

¹³ Dr. Jorge Campos da Costa, em palestras e cursos ministrados na Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Nesse caso, o *input* está propositalmente incompleto, já que a completude do mesmo se dará por inferência. Na estrutura lógica básica, duas premissas levam a uma conclusão. Assim,

P TODOS OS HOMENS SÃO MORTAIS. A VIÚVA NEGRA MATA SEUS COMPANHEIROS.

P SÓCRATES É HOMEM. ELA JÁ ARRUMOU UM NOVO COMPANHEIRO.

C LOGO, SÓCRATES É MORTAL. LOGO, MATARÁ ESSE TAMBÉM.

De posse desse conceito, parece haver necessidade de um esclarecimento.

A visão aqui assumida trata o procedimento inferencial como o caminho de raciocínio percorrido a partir de um *input* (com incompletudes, não ditos) até a conclusão desse raciocínio, que será a completude do *input* – a inferência. Nesse sentido, todas as inferências poderiam ser consideradas como lógicas. Porém, é necessário observar que base o raciocínio utiliza para completar o *input*.

Essa é a noção chave para a caracterização das inferências: reconhecer sua base principal.

b) Implicaturas

São implícitos causados pela estrutura ou pelo sentido de parte(s) da mensagem nos (pelos) quais se capta a intenção do emissor (falante, escritor...).

Por exemplo:

João cansou de convidar Maria para sair.

Nessa sentença, a palavra “cansou” parece implicar que: Maria nunca saiu com ele e ele não vai convidar mais.

A: Eu te amo!

B: Eu acho você tão bonita!

Nesse diálogo, a diferença de sentido das expressões que não fazem parte do mesmo campo semântico (amor x beleza), pode implicar que o emissor quer manifestar uma opinião que não está presente na mensagem.

O estudo das implicaturas não pode ser feito sem a referência direta a Grice (como citado anteriormente). Seus estudos apresentaram quatro máximas que, ao serem (aparentemente) quebradas em uma situação de comunicação, geram implicaturas: as máximas de Quantidade, Qualidade, Relação e Modo.

À categoria de Quantidade, correspondem duas máximas principais:

- a mensagem deve ser informativa tanto quanto necessário para a conversação.
- a mensagem não deve apresentar mais informações que o necessário.

Por exemplo:

A: Maria, vamos sair hoje?

B: Bem João, apesar de eu ter que lavar roupa, limpar a casa, varrer a calçada, ajudar Paulinho com os temas, buscar o cachorro na pet e outras coisas mais, saio com você.

Nessa situação, haja vista o excesso de informações desnecessárias e não relacionadas diretamente à pergunta de João, é notável que Maria não quer sair com ele, ainda que – também é notável – não queira dizer-lhe claramente.

À categoria de Qualidade, se ligam máximas que se referem à veracidade da mensagem:

- não deve ser dita uma mensagem falsa ou possivelmente falsa.

- não deve ser dita uma mensagem para a qual não se tem evidências suficientes.

Por exemplo:

A: João, ouvi dizer que Maria não quis sair com você.

B: Mentira do povo, André. Só esta semana, saímos 50 vezes.

A resposta de João, nesse trecho, é tão próxima de uma inverdade, dada a improbabilidade de ser real, que André pode inferir que João não quer reconhecer o que estão dizendo e que o que estão dizendo é verdade.

À categoria de Relação, se liga a máxima principal:

- a mensagem deve ser relevante.

Por exemplo:

A: Como vai seu casamento, Maria?

B: Os homens de hoje em dia, não é? O João adora futebol e fica o dia todo sentado diante da TV vendo e revendo os lances. E os meninos não param em casa; estão sempre na casa de um amigo ou de outro. E a tarefa de casa! Não termina nunca!

A resposta de Maria não estava diretamente relacionada com a pergunta de Anita e a relevância das informações dadas era pouca em relação à pergunta, o que pode implicar que o casamento não vai bem.

O diálogo dado como exemplo inicialmente gera implicaturas pela falta de relação com a mensagem anterior, incorrendo também na (aparente) quebra da máxima de relação.

E, por fim, à categoria de Modo, se relaciona a máxima:

- a mensagem deve ser ordenada e clara, sem obscuridade, sem ambiguidade, sem prolixidade.

Por exemplo:

A: Maria, você quer sair comigo?

B: Bem, João, é... veja bem... não sei, eu... é... sabe o que é... minha mãe... na verdade... eu andei pensando... bem...

A resposta de Maria, dada a tamanha obscuridade, pode implicar a sua contrariedade em sair com João.

c) Explicaturas

Explicaturas são os implícitos que parecem ditos, que foram quase ditos, mas que, ainda assim, não estão presentes.

Por exemplo:

Apenas João votou no único candidato do PPP.

Vê-se claramente que o referido partido obteve somente um voto, ainda que essa informação não esteja presente.

d) Pressuposições

Como a própria denominação informa, o que é inferido em uma pressuposição é uma informação que previamente se supunha.

Voltando ao exemplo de b,

João cansou de convidar Maria para sair.

Está pressuposto que João convidava Maria antes de cansar de fazê-lo.

e) Acarretamentos

Os acarretamentos podem se confundir com inferências lógicas e com pressuposições. Parecem ser pressuposições com uma “carga” lógica maior (Se A, óbvio que B).

Por exemplo:

O filho mais velho de Paulo morreu.

Essa frase acarreta que (obviamente) Paulo tinha mais de um filho.

f) Inferências fonéticas

As informações que faltam, às vezes, podem ser completadas pelo som, pela prosódia.

Por exemplo¹⁴:

¹⁴ Fonte: <http://cellemelo.wordpress.com/page/21/>



Na tirinha, o efeito prosódico gerado por Mafalda ao dar mais ênfase às expressões **FILHA** e **NÃO FOI** parece querer insinuar algo além de tudo o que já está dizendo para a mãe.

g) Inferências morfológicas

A formação das palavras influencia no que querem dizer muitas vezes, sem ter sido dito. Campos¹⁵ utiliza os exemplos: feliz, infeliz, cofeliz, refeliz...

Na tira¹⁶ a seguir, também podem ser analisadas as inferências geradas pelo morfema “in” na formação da palavra “impessoal”.

¹⁵ Conf. nota 13.

¹⁶ <http://adao.blog.uol.com.br/images/tira-pro-site.gif>



h) Inferências semânticas

Dizer que inferências semânticas são as geradas pelo sentido é uma conceituação vaga. Porém, existem casos em que a base de produção de uma inferência é o duplo sentido de uma palavra, como é o caso da charge a seguir¹⁷.



i) Inferências sintáticas

As inferências sintáticas são geradas por algum aspecto da organização da frase e, por consequência, da funcionalidade das palavras.

¹⁷ http://bp3.blogger.com/_hbz67yJEsH4/SE3bKyDBtxI/AAAAAAAAApc/Qv-_mmFjBcM/s1600-h/aquecimento+global.jpg

Por exemplo¹⁸:



Observe-se o sentido produzido pela inversão dos termos da oração no último quadrinho.

j) Inferências pragmáticas

As inferências denominadas pragmáticas são as produzidas pelo uso, pelo contexto e pela dependência de conhecimento (prévio) de mundo.

Por exemplo¹⁹:



¹⁸ http://casadosamaritano.blogspot.com/2011_02_01_archive.html

¹⁹ <http://tomataria.blogspot.com.br/2010/12/charge-nova-paixao-de-cristo.html>

As informações I - “A nova paixão do Cristo” e II - “Pai, se possível, afasta de mim essas balas...” só podem ser compreendidas completamente pelo contexto da frase em uso e pelo conhecimento de mundo do falante, relacionando I ao filme de Mel Gibson (A Paixão de Cristo) e II ao trecho bíblico em que Jesus diz: “Pai, afasta de mim este cálice” (ou, ainda, à celebre música de Chico Buarque, *Cálice*).

K) Inferências retóricas

O conceito de retórica²⁰ assumido neste trabalho é: forma que influencia conteúdo. Nesse sentido, inferências retóricas tem relação com os implícitos causados pela forma no conteúdo.

Por exemplo²¹:



A conclusão de Mafalda deve-se à forma (sonora) da repreensão ao menino, que promoveu a expressão (conteúdo) do que a senhora queria dizer.

²⁰ O conceito tradicional de retórica remete aos antigos gregos, mais especificamente à figura dos sofistas com seus discursos políticos inflamados, que foram analisados por Aristóteles como sendo puramente retóricos. É ele, por tanto, o pai da retórica, já que foi o primeiro a estudá-la como disciplina formal. Esse conceito pode imprimir um sentido negativo à retórica, ligando-a a manipulação, engano, argumentação vazia por meio da linguagem. Campos (conf. nota 13) toma o conceito inicial e o desenvolve, aumentando sua abrangência para todos os casos em que a “forma” também fizer parte do conteúdo, influenciar o conteúdo ou for o conteúdo.

²¹ <http://www.babyradical.es/blog/tag/educacion-en-casa>

É importante salientar que não ocorreu ao acaso a escolha de exemplos imagéticos em alguns casos. Embora Campos não tenha incluído, em sua classificação de inferências, as imagéticas, sabe-se que imagens podem gerar inferências, haja vista, principalmente, a tira utilizada em k, em que linguagem e imagem estão amalgamadas para gerar a inferência correta na compreensão. Entretanto, considera-se que a classificação “inferência retórica” dá conta dos casos de inferências imagéticas na maioria das ocorrências.

Sobre o assunto deste tópico, cabe esclarecer que não é foco do estudo. Por isso, não há a preocupação pela construção de uma caracterização teórica oficial das inferências, nem mesmo de uma tipificação. Também não se quer dar conta de abarcar todos os casos. Nas análises feitas no próximo capítulo, estarão em pauta o reconhecimento da necessidade inferencial e a recuperação de informações inferidas, não sua categorização. Porém, para efeitos de estudo e aprofundamento, cabem essas categorizações, que devem observar, como dito, o principal aspecto que permite diferenciar inferências: o reconhecimento de sua base linguística principal.

Quando se trata de reconhecimento de inferências, sempre devem considerar-se as diferenças nos processos inferenciais, no conhecimento prévio e experiências de cada indivíduo, já que a mesma situação pode gerar inferências diferentes para mais de um usuário da língua. A noção de relevância é particularmente importante para tanto, já que inferências podem ser niveladas, organizadas hierarquicamente por relevância com relação ao *input* que as gerou. A noção de relevância é abordada no próximo tópico.

2.3.1.2 A noção de Relevância

Segundo Sperber e Wilson (2005), criadores da T.R. (Teoria da Relevância), “intuitivamente, relevância não é uma questão de tudo ou nada, mas uma questão de graus”. Esses graus fazem com que o ouvinte opte por uma das implicaturas dependendo do seu grau de relevância.

Como se sabe, a T.R. trabalha o conceito de relevância da “máxima de relação” da Teoria das Implicaturas de Grice e o desenvolve. Para os autores, a noção de relevância é a chave para a compreensão das implicaturas (e, para o autor deste trabalho, seguindo Campos, também o é para qualquer tipo de inferência).

Na origem da noção de relevância, estão conceitos básicos como os efeitos cognitivos e a relação custo-benefício.

O “efeito cognitivo” é o efeito gerado por um *input* para o receptor. Se, ao relacionar-se com o conhecimento prévio do indivíduo, ele for considerado “útil”, ele será um “efeito cognitivo positivo”. Os autores exemplificam (Idem):

a informação pode responder a uma questão que ele tinha em mente, aumentar seu conhecimento em certo tópico, esclarecer uma dúvida, confirmar uma suspeita, corrigir uma impressão equivocada ou promover o fortalecimento, a revisão ou o abandono de suposições disponíveis.

Portanto, relevância e efeito cognitivo positivo se relacionam, conforme indicam os autores:

Nos termos teóricos da Teoria da Relevância, em contextos idênticos, quanto maiores forem os efeitos cognitivos positivos alcançados pelo processamento de um input, maior será a relevância.

Porém, além dos efeitos cognitivos também se considera a relação “custo-benefício” do caso. Segundo Sperber e Wilson “quanto maior for o esforço requerido de percepção, de memória e de inferência, menor será a recompensa pelo processamento do *input* e, por isso, um menor merecimento de atenção”.

A relação custo-benefício, ou esforço-efeito, é avaliada pelo indivíduo por meio de julgamentos comparativos intuitivos.

A busca pela relevância (Princípio Cognitivo de Relevância) é, segundo a T.R. uma tendência universal da cognição humana. Em qualquer situação, há a busca da maximização da relevância²².

Nos fundamentos da T. R. aparecem ainda pelo menos três²³ conceitos mais:

a) Comunicação ostensivo-inferencial: o ato comunicativo presume intenções informativas (de se querer informar algo) e comunicativas (de informar que se quer informar algo). O receptor, a partir dos sinais do

²² No sentido de corroborar essa teoria e aproximar ainda mais as duas áreas (Pragmática e Psicolinguística), veja-se, na citação de Smith (1989), o uso não casual da palavra relevância ao tratar do processamento da predição: “A previsão traz um significado potencial para os textos, reduz a ambiguidade e elimina, de antemão, alternativas irrelevantes.” (p. 34 – grifo do autor).

²³ Fez-se uma seleção dos conceitos mais importantes (e relevantes) para o presente trabalho; os demais conceitos podem ser verificados no texto fonte.

emissor de que quer informar algo, aceita a mensagem e atenta para ela achando-a suficientemente relevante para processá-la.

b) Relevância ótima: um estímulo ostensivo será otimamente relevante se: for relevante o suficiente para merecer esforço de processamento do(s) ouvinte(s); for o mais relevante compatível com as habilidades e preferências do comunicador.

c) Princípio Comunicativo de Relevância: todo o estímulo ostensivo comunica a presunção de sua própria relevância ótima.

Os autores esclarecem como se dá o procedimento de compreensão à luz da relevância: a) Siga um caminho de menor esforço no cômputo de efeitos cognitivos: teste hipóteses interpretativas (desambiguações, resolução de referências, implicaturas etc.) em ordem de acessibilidade. b) Pare quando suas expectativas de relevância forem satisfeitas.

2.4 Inferência e Inferência

Cabe, neste ponto da explanação teórica, um adendo.

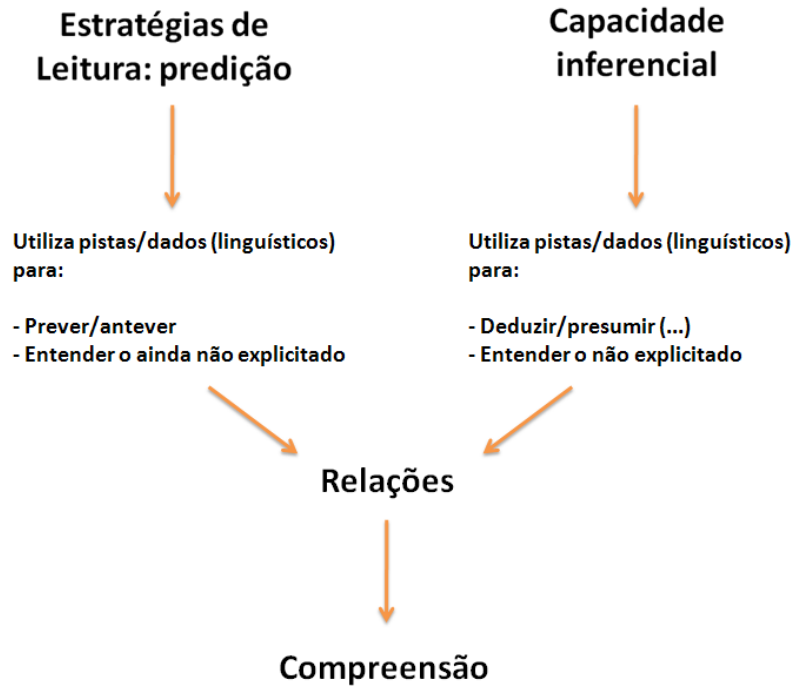
Dada a importância da capacidade de inferir, esse conceito é aceito pela maioria das teorias linguísticas, sendo abordado e denominado de diferentes modos. A própria teoria psicolinguística das estratégias de leitura utiliza o termo “inferência” para denominar uma de suas estratégias, colocando-a ao lado da estratégia de “predição”.

Esse fato, se mal compreendido, poderia diminuir o valor do presente trabalho, tendo em vista já ter a psicolinguística em seu arcabouço teórico uma representação do conceito de inferência.

Entretanto, devem-se considerar dois aspectos da visão do presente trabalho: 1) o conceito (ou o desenvolvimento dos estudos sobre o conceito) pragmático de inferência é mais amplo – no sentido de abarcar todas as realizações possíveis da linguagem humana – que o psicolinguístico (de estratégia de leitura), o que já os diferencia em parte; 2) apresenta-se uma necessidade de explicação de como é possível o processo preditivo, o que aqui se faz relacionando-o com a inferência e não o colocando como processo paralelo (que ocupa o mesmo nível (de estratégia), sem precisar relacionar-se com o outro).

2.5 Em resumo: relações predição-inferência

Ao analisar as considerações teóricas feitas, já se torna possível encontrar-se uma relação entre os processos preditivos e os processos inferenciais. Nesse sentido, um resumo da proposta teórica construída é feito a partir do esquema que segue:



O próximo capítulo dedica-se a explicar metodologicamente e de forma mais clara como se dá essa possibilidade de relação entre os dois processos, demonstrando-a por meio da análise de um texto.

3 METODOLOGIA

Com base em todo o exposto até este ponto, parece haver relações de dependência entre processos inferenciais e processos preditivos. As hipóteses de predição são feitas com base em elementos textuais e extratextuais, porém a união destes elementos é feita por processos externos ao textos e basilares à predição, ou seja, diferentes dela, mas inerentes a ela.

No sentido de explorar essa relação e propor pontos de contato entre as áreas às quais pertencem os estudos desses dois processos cognitivos, construiu-se uma metodologia que visa a demonstrar teoricamente por meio da análise linguística de um texto como eles se mesclam e em que medida interdependem ambos.

São apresentados a seguir o texto utilizado como *corpus*, a estrutura de análise e a análise.

3.1 *Corpus*

O *corpus* constitui-se de um texto do gênero propaganda radiofônica, elencado a fim de demonstrar a capacidade de produção e compreensão de inferências e a relação deste fato com o processo de predição.

A escolha desse gênero e desse texto se dá respectivamente pela intenção de explorarem-se gêneros orais para análises linguísticas e pelo fato de ser um texto cuja compreensão depende em grande parte de uma capacidade de predição apurada.

Radiopropaganda²⁴

“Início.

Toque de telefone.

Diálogo:

- Alô.

(Tom de desespero) - Zé Carlos? É a Tereza do 42. A minha pia entupiu, tá alagando tudo!

- A senhora não tem ‘Porto Seguro’? É só discar ‘333-PORTO’.

Toque de telefone.

(Tom de preocupação) - Zé? Tô com um problema no disjuntor aqui!

- Cê tem Porto Seguro? ‘333-PORTO’.

Anúncio:

Quem tem serviços de reparos ao imóvel da Porto Seguro também pode discar ‘333-PORTO’, o telefone fácil da Porto Seguro. Consulte seu corretor.

Toque de telefone.

Diálogo:

(Tom sensual) - Ai, Zé, meu chuveiro queimou e eu tô toda ensaboada.

- A senhora tem Porto S... Tô subindo aí, tô subindo aí.

Fim”.

3.2 Estrutura de análise e legendas

²⁴ Cedida pela seguradora Porto Seguro (Cf. Anexo 2). O áudio encontra-se no CD anexo. Sugere-se não ler o texto na íntegra antes de ter contato com as análises e com o arquivo de áudio 1.

Para organizar os procedimentos de análise, as informações serão estruturadas de forma a apresentar:

Trecho (T) = o texto será analisado em partes para que se possa (tentar) identificar todas as inferências possíveis de cada trecho.

Inferências possíveis (IP) = em cada trecho, serão levantadas as inferências cabíveis²⁵, considerando-se a natureza (base) da informação²⁶ – semântica, sintática, pragmática, retórica, lógica...

Nível das inferências (N) = Considerando a noção de relevância, as inferências possíveis levantadas serão analisadas e classificadas em quatro níveis (de força/relevância):

F⁰ = forte

MF⁰ = muito forte

F^a = fraca

MF^a = muito fraca

Hipóteses de predição (HP) = serão feitas predições hipotéticas a partir das informações de cada trecho (considerando-se também as diferentes naturezas dessas informações).

Confirmação ou refutação das inferências possíveis (CRI) = com base na sequência de leitura dos trechos, as inferências possíveis poderão ser confirmadas ou rejeitadas.

²⁵ Teoricamente e de acordo com a percepção do pesquisador.

²⁶ Conforme a apresentado em 5.3.1.1.

Confirmação ou refutação das hipóteses de predição (CRH) = com base na sequência de leitura dos trechos, as predições hipotéticas feitas poderão ser confirmadas ou rejeitadas.

Observações (Obs) = esclarecimentos sobre a natureza e as bases das inferências e hipóteses de predição levantadas.

A construção do método se dá no intuito de possibilitar a demonstração e a análise das relações entre as inferências possíveis e as hipóteses de predição possíveis.

3.3 Análise

T1: *Toque de telefone.*

IP: i1) o som é de uma chamada telefônica (MF⁰); i2) uma propaganda está iniciando (F⁰); i3) alguém está ligando para *alguém* (MF⁰); i4) chamadas podem ser/devem ser/é comum que sejam atendidas no primeiro toque (MF⁰); i5) chamadas podem não ser atendidas (F⁰).

HP: h1) a chamada será atendida (com base em i4); h2) o telefone tocará mais de uma vez e não será atendido (com base em i5).

Obs.: 1) em i1 e i2, dado o contexto de uma programação radiofônica, na qual as propagandas de produtos e serviços são veiculadas sem indicação prévia – não são anunciadas, mas apenas aparecem em sequência nos intervalos da programação oficial de cada rádio – e apresentam, geralmente, tom cômico, ao ouvir o sinal sonoro, a primeira inferência feita é reconhecê-lo como toque de telefone (dada a aplicação pragmática desses sons e o conhecimento de mundo referente a eles) pertencente a uma propaganda ou anúncio publicitário – da própria estação de rádio ou não; 2) i2 é a conclusão de uma inferência lógica que começaria considerando o fato de que um toque telefônico durante a programação de uma rádio não é normal; 3) i3 pode ser considerada uma pressuposição; 4) tendo em vista o fato de que quando se liga para alguém, é comum que a chamada seja atendida, e, tendo em vista o contexto publicitário, tem-se i4; 5) tendo em vista o contexto publicitário, se houver intenção, pode-se ter i5; 6) i4 é mais forte que i5, pois é mais comum; 7) no caso deste texto, é preciso considerar dois níveis inferenciais que devem ser percebidos pelo ouvinte: i1 e i2 são inferências pertencentes a um nível externo ao texto, e

i3, i4, i5 são, com relação ao texto, inferências internas²⁷; 8) todas as inferências deste trecho dependem em algum nível do conhecimento de mundo; 9) h2 exigirá uma explicação por parte do anunciador.

²⁷ Na sequência, quando casos semelhantes ocorrerem, haverá indicação de inferência interna ou externa.

T2: - *Alô.*

CRI: T1-i5²⁸ é refutada; não se refuta T1-i2; as demais inferências são confirmadas.

CRH: T1-h1 é confirmada; T1-h2 é refutada.

IP: i1) um homem atendeu o telefone (MF⁰); i2) está se iniciando um diálogo (MF⁰); i3) a ligação pode cair (MF^a).

HP: h1) quem está ligando falará (com base em i2).

Obs: 1) todas as inferências são feitas com base nas aplicações pragmáticas e nos conhecimentos prévios sobre a gravação de um telefonema; 2) em i1, pela voz masculina que disse *Alô*; 3) para base de i2, um telefonema pressupõe um diálogo, que, no caso, dá-se entre um homem e outra pessoa ainda não conhecida; 4) i3 é muito fraca, dado o contexto, mas precisa estar presente, pois pode vir a se confirmar se for intenção do anunciador – e poderia estar presente em todas as análises dos demais trechos pelo mesmo motivo.

²⁸ Indicação da inferência 5 do primeiro trecho. Essa legenda será usada a partir deste ponto para indicação de inferências e hipóteses de trechos anteriores.

T3: *(Tom de desespero) - Zé Carlos?...*

CRI: T2-i3 é refutada; T2-i2 é confirmada.

CRH: confirma-se T2-h1.

IP: i1) quem fala é uma mulher (MF⁰); i2) o homem se chama José Carlos (MF⁰); i3) ela tem certeza de que está falando com Zé Carlos (F⁰); i4) ela tem dúvida sobre se está falando com Zé Carlos (F⁰); i5) ela o chama para confirmar que é ele quem está falando (F⁰);

HP: h1) ele responderá confirmando que é ele próprio (com base em i4); h2) ela seguirá falando (com base em i3).

Obs: 1) em i1, pela voz feminina que fala; 2) i2 é uma inferência morfossintática e pragmática que associa, também pelo conhecimento de mundo, o apelido “Zé” ao nome “José”; 3) i3, i4, i5 são inferências, ao mesmo tempo, fonológicas, retóricas, pragmáticas e sintáticas, pois consideram o tom da falante, a influência desse tom no conteúdo e o uso do vocativo em uma fala de diálogo telefônico, que pode servir para confirmar quem está falando tanto quanto para simplesmente chamar essa pessoa.

T4: ... *É a Tereza do 42...*

CRI: T3-i1 e T3-i3 são confirmadas; T3-i4 e T3-i5 são refutadas; perde-se a relevância, para a compreensão e entendimento do contexto, de confirmar ou refutar T3-i2.

CRH: confirma-se T3-h2; rejeita-se T3-h1.

IP: i1) a mulher que está falando chama-se Tereza (MF⁰); i2) a palavra (preposição) *de* pode indicar a presença de algum tipo de identificação do nome (sobrenome, origem, pertença...) (MF⁰); i3) a estrutura *do 42*, após o nome, é reconhecida como usual para identificação em imóveis com vários moradores (como um condomínio/um prédio) (MF⁰); i4) Tereza mora em um condomínio/prédio (F⁰); i5) Zé Carlos mora no mesmo condomínio/prédio que ela (F⁰); i6) o número do(a) apartamento/casa é 42 (MF⁰); i7) ela mora nesse(a) apartamento/casa (MF⁰); i8) Zé Carlos conhece Tereza e ela o conhece (MF⁰); i9) têm, ambos, certo grau de intimidade e/ou amizade (MF⁰); i10) Tereza tem/está com algum problema (F⁰); i11) Zé Carlos está, de alguma forma, envolvido no problema (F⁰).

HP: h1) a mulher contará seu problema a Zé Carlos (com base em i9, i10, i11).

Obs.: 1) i1 é uma explicatura vinda da estrutura “*É a nome...*”, vinda da expressão “Aqui quem fala é a *nome...*”; 2) i2 e i3 estão baseadas em conhecimentos sintáticos, semânticos e pragmáticos expressos na estrutura “Fulano de Tal” ou “Fulano de *Lugar*”; 3) i4, i5, i6, i7 são baseadas nas inferências anteriores e i6 e i7 são explicaturas; 4) i8 e i9 estão relacionadas entre si e relacionadas principalmente aos elementos pragmáticos no tratamento dos dois personagens; 5) i10 advém da

prosódia, dado o tom de desespero e a agitação na fala de Tereza; 6) i11 é uma inferência lógica, pois, se a mulher está ligando para ele com demasiada euforia, então ele tem algo a ver com o que ela quer falar.

T5: ... A minha pia entupiu, tá alagando tudo!

CRI: T4-i10 se confirma; as demais não são negadas.

CRH: Confirma-se T4-h1.

IP: i1) José Carlos é como um síndico/zelador (MF⁰); i2) José Carlos é um amigo (F^a); i3) José Carlos é um encanador (F⁰); i4) José Carlos pode resolver o problema (MF⁰); i5) Zé Carlos pode não ter condições ou não querer resolver o problema (F⁰); i6) *tudo* se refere à casa/apartamento de Tereza (MF⁰); i7) Tereza está fazendo uma solicitação indireta a Zé Carlos (MF⁰).

HP: h1) A função de Zé Carlos será conhecida (com base principalmente em i1 e i3); h2) Zé Carlos resolverá o problema (com base principalmente em i7 e i4); h3) Zé Carlos não resolverá o problema (com base em i5).

Obs: 1) i1, i3 e i4 são possíveis pelo fato de Tereza estar contando a Zé seu problema, o que indica, pragmaticamente que ele está capacitado para resolvê-lo; 2) i4 tem o mesmo peso lógico de T4-i11; 3) i5 representa uma possibilidade baseada em conhecimento de mundo, em contraponto a i4; 4) i6 está baseada em conhecimentos linguísticos no que se refere à indefinição do pronome *tudo* e ao seu uso vinculado a expressões hiperbólicas, além de conhecimentos pragmáticos e de mundo no referente ao fato de *pia* estar dentro de *casa*; 5) i7 é quase óbvia dado o contexto da situação, o tom de Tereza e o conhecimento de mundo que revela a possibilidade de contar a alguém uma necessidade visando à ajuda desse alguém. Poderia ser considerada uma implicatura gerada pela quebra da máxima de relação: não há relevância em Tereza ligar para Zé Carlos contando que sua pia entupiu se não for pela intenção de lhe pedir ajuda.

6) h1 expressa algo que, embora não seja totalmente relevante para o enredo, é esperado, até pelo fato de que produto e anunciante ainda não são conhecidos.

T6: - A senhora não tem 'Porto Seguro'? É só discar '333-PORTO'.

CRI: T5-i2 e T5-i3 são refutadas; T5-i1 e T5-i4 não são refutadas.

CRH: T5-h3 é confirmada; T5-h1 é confirmada por inferência e T5-h2 é refutada.

IP: i1) *Porto Seguro* se refere a um serviço/seguro da seguradora Porto Seguro (MF⁰). i2) Zé Carlos sabe que Tereza tem "Porto Seguro" (F⁰); i3) Zé Carlos tem dúvida sobre se Tereza tem o seguro (F^a); i4) a resposta foi perceptivelmente evasiva (MF⁰); i5) Zé Carlos não quer ajudar Tereza; i6) Zé Carlos considera o serviço do seguro mais eficaz na resolução do problema; i7) Zé Carlos cita o telefone para lembrá-la; i8) Zé Carlos cita o serviço para oferecê-lo a Tereza (F⁰); i9) Zé Carlos considera o telefone fácil (acessível) (MF⁰); i10) Zé Carlos considera que Tereza saiba usar o teclado alfanumérico²⁹ (MF⁰); i11) a propaganda é de serviço da seguradora Porto Seguro (MF⁰); i12) o telefone é citado para fazer propaganda aos ouvintes (MF⁰); i13) a propaganda pressupõe que o ouvinte sabe utilizar o teclado alfanumérico (MF⁰); i14) a propaganda quer mostrar que o número e o serviço são acessíveis (MF⁰); i15) o diálogo foi uma situação-exemplo de uso do serviço oferecido pela empresa, estratégia comum nesse tipo de propagandas (MF⁰); i16) o serviço não foi esclarecido/explicado somente com uma situação-exemplo (F⁰).

²⁹ Todo o teclado telefônico é alfanumérico, embora esse recurso seja utilizado, na maioria dos casos, em aparelhos celulares para escrita de mensagens. Porém, todos os aparelhos o possuem, pois antigamente era possível dizer um número utilizando letras para ser mais facilmente lembrado – ex: 123-PIZZA como contato de uma pizzaria. A empresa Porto Seguro está fazendo uso desse recurso antigo que hoje é raro dada a quantidade de números e de estabelecimentos que utilizariam as mesmas sequências.

HP: h1) a propaganda terminará (com base em i14, i15); h2) Tereza continuará insistindo com Zé (com base em i3, i4, i5, i6); h3) haverá outra ligação do mesmo tipo (com base em i16); h4) haverá uma explicação do produto (com base em i15, i16).

Obs.: 1) i1 é uma inferência pragmática, ou seja, dependente do conhecimento de mundo, quando exige a informação prévia de que Porto Seguro é uma seguradora. 2) i1 foi construída com base no raciocínio de que, se, pelo conhecimento de mundo, Porto Seguro é uma seguradora, o verbo “ter” não deveria estar associado a ela, a não ser que – a partir deste ponto, por implicatura – seja uma expressão linguística que se refere a um serviço da seguradora; 3) i2 considera a pergunta de Zé Carlos como retórica; 4) a entonação da pergunta parece levar a i2, mas o “não tem” pode gerar i3 (fraca); 5) i4 pressupõe que Zé Carlos também tenha entendido T5-i7; 6) i4 é a causa de i5; 7) o nível de força (relevância) de i5, i6, i7 não foi considerado, dado o fato de que estão no nível interno do texto (diálogo dos personagens), mas são desconsiderados no nível externo (propaganda); 8) i8 está baseada no fato de não se conhecer a forma como a propaganda fará a promoção do produto; 9) i9 está baseada em “só discar + número de contato em forma alfanumérica”; 10) as inferências a partir de i10 são externas ao diálogo, estando no nível da propaganda; 11) i11 é uma explicatura baseada na pergunta de Zé Carlos; 12) i14 se dá haja vista a utilização da situação-exemplo e com base em i9; 13) i15 é uma inferência pragmática, dependente de conhecimento de mundo; 14) h1 é uma hipótese frágil, mas possível.

T7: Toque de telefone

CRI: T6-i15 e T6-i16 são confirmadas; as demais inferências não são refutadas.

CRH: T6-h1 e T6-h2 são refutadas; T6-h3 não é refutada e possivelmente será confirmada; T6-h4 é refutada.

IP: i1) novo toque de telefone indica nova chamada (MF⁰); i2) quem apresentou o problema pode querer anunciar sua resolução (F⁰); i3) propagandas desse tipo podem utilizar várias situações-exemplo semelhantes (MF⁰).

HP: h1) Zé Carlos atenderá o telefone novamente (com base em i1, i2 e i3); h2) será a mesma mulher (com base em i2); h3) haverá o anúncio de que o problema está resolvido (com base em i2); h4) será outro morador do prédio (com base em i3); h5) haverá outro problema (com base em i3).

T8: *(Tom de preocupação) - Zé? Tô com um problema no disjuntor aqui!*

CRI: T7-i1, T7-i3 são confirmadas; T7-i2 é refutada.

CRH: T6-h3 confirma-se plenamente; T7-h1, T7-h4, T7-h5 são confirmadas; T7-h2 e T7-h3 são refutadas.

IP: i1) quem fala é outro *condômino/morador do prédio* (MF⁰); i2) Zé Carlos e o homem se conhecem (MF⁰); i3) a intimidade entre os dois é maior do que no caso anterior (MF⁰); i4) Zé Carlos pode resolver o problema (MF⁰); i5) o contexto da situação-exemplo é o mesmo da anterior (MF⁰); i6) *aqui* se refere à casa/apartamento do falante (MF⁰).

HP: h1) Zé Carlos fará a mesma pergunta sobre o seguro (com base em i5).

Obs: 1) i3 se dá com base no uso de *Zé*, somente, e no fato de o homem não ter informado seu nome, o que leva a crer que eles se conhecem bastante; 2) h1 é fruto de uma generalização lógica de que provavelmente todas as situações sejam semelhantes já que têm a mesma finalidade.

T9: *Cê tem Porto Seguro? '333-PORTO'.*

CRI: T8-i1, T8-i3 e T8-i5 se confirmam; as demais inferências não são refutadas.

CRH: T8-h1 se confirma.

IP: i1) a presente situação é muito semelhante à anterior (MF⁰); i2) Zé Carlos tem certeza de que o homem tem o seguro (F⁰); i3) o telefone é citado novamente para reforçar o anúncio aos ouvintes; i4) a nova situação-exemplo visa a enfatizar a acessibilidade ao serviço, reforçando a anterior; i5) o diálogo foi outra situação-exemplo de uso do serviço oferecido pela empresa, estratégia comum nesse tipo de propagandas; i6) o serviço ainda não foi esclarecido/explicado totalmente.

HP: h1) a propaganda terminará (com base em i5); h2) haverá outra ligação do mesmo tipo (com base em i6); h3) haverá uma explicação do produto (com base em i6).

Obs: 1) i1 considera todos os raciocínios de IP do T6 válidos para T9, reforçando T8-i5; 2) i2 se dá pelo fato de Zé Carlos não ter usado “é só discar, ligar, chamar...”, dizendo o número com o recurso alfanumérico diretamente; 3) o nível de força/relevância de i3, i4, i5, i6 é máximo; 4) h2 se baseia também na repetição do fato. O raciocínio pode ser: como já ocorreu uma vez, é fácil/provável ocorrer novamente.

T10: *Quem tem serviços de reparos ao imóvel da Porto Seguro...*

CRI: T9-i6 se confirma; as demais inferências não são refutadas.

CRH: T9-h3 se confirma; as demais hipóteses são refutadas.

IP: i1) quem fala é/representa o próprio anunciante; i2) a expressão *quem tem* inclui/pressupõe *quem não tem*; i3) o anúncio é sobre serviços de reparos ao imóvel da seguradora Porto Seguro; i4) uma propaganda sempre quer mostrar as vantagens do serviço que anuncia; i5) a estrutura e a entonação da frase explicitam o interesse em apresentar essas vantagens.

HP: h1) a mensagem mostrará alguma vantagem do serviço (com base em i4 e i5); h2) a mensagem será, de alguma forma, dirigida a quem não tem o serviço (com base em i2).

Obs: 1) i1 se dá pela mudança na voz, no tom, nas circunstâncias, na música; 2) i3 é uma explicatura; 3) i4 pode ser uma inferência lógica cuja conclusão é h1; 4) o nível de força/relevância de todas as inferências deste caso é máximo.

T11: ... *também pode discar '333-PORTO', o telefone fácil da Porto Seguro. Consulte seu corretor.*

CRI: todas as inferências de T10 se confirmam ou não se refutam.

CRH: ambas as hipóteses se confirmam.

IP: i1) quem não tem o serviço da Porto Seguro não pode discar (F⁰); i2) quem tem e quem não tem o serviço podem discar o número (MF^a); i3) há outro número – além do 333... – para os clientes da Porto Seguro (F⁰); i4) a propaganda quer reafirmar que o número facilita a acessibilidade ao serviço (MF⁰); i5) a propaganda continua considerando que o ouvinte sabe utilizar o teclado alfanumérico (MF⁰); i6) a propaganda já apresentou todas as informações para o anúncio do serviço (F⁰); i7) a expressão consulte seu corretor está direcionada tanto a clientes como a não clientes (F⁰); i8) é comum haver algum tipo de finalização – músicas, sons, vinhetas, volta às situações-exemplo já apresentadas... – em propagandas desse tipo.

HP: h1) a propaganda terminará (com base em i6); h2) o telefone tocará mais uma vez (com base em i8).

Obs: 1) i1, i2 e i3 estão baseadas na palavra *também*; 2) i2 é muito fraca com base no fato de ser um telefone que indica fácil acessibilidade ao serviço, e o mais lógico (e comum, dado o conhecimento de mundo) seria oferecer isso a clientes e disponibilizar outro número para receber ligações de não clientes; 3) i4 se baseia em “telefone fácil”.

T12: *Toque de telefone.*

CRI: T11-i6 e T11-i8 se confirmam; as demais inferências não são refutadas.

CRH: T11-h1 é refutada; T11-h2 é confirmada.

IP: i1) a propaganda ainda não terminou (MF⁰); i2) o toque de telefone é o mesmo dos casos anteriores (MF⁰); i3) é comum em propagandas desse tipo uma finalização com a volta ou menção às situações-exemplo já apresentadas (MF⁰).

HP: h1) Zé Carlos atenderá o telefone; h2) haverá outro caso semelhante; h3) sua resposta se repetirá.

Obs: 1) i3 indica a confirmação e a continuidade de T11-i8; 2) todas as hipóteses tem como base i1, i2, i3.

T13: (*Tom sensual*) - *Ai, Zé, meu chuveiro queimou, e eu tô toda ensaboada.*

CRI: todas as inferências de T12 se confirmam.

CRH: T12-h1 é refutada; T12-h2 é confirmada; T12-h3 não é refutada.

IP: i1) Zé Carlos atendeu o telefone; i2) há semelhança desta situação com as anteriores; i3) há uma diferença no modo de falar desta personagem; i4) ela é outra moradora do *condomínio*; i5) a mulher conhece Zé Carlos e ele a conhece; i6) os dois tem certa intimidade; i7) a fala é uma solicitação; i8) há *apelo sexual* intencional na solicitação; i9) homens são geralmente mais solícitos quando há *apelo sexual*.

HP: h1) Zé Carlos não atenderá a solicitação, indicando uma vez mais o “telefone fácil” da seguradora (com base principalmente em i2); h2) Zé Carlos atenderá a solicitação desta vez (com base em i7, i8 e i9).

Obs: 1) i1 é totalmente necessária pragmaticamente, sendo pressuposta e, portanto, não constando neste último caso; 2) para i6, percebe-se o uso proposital e mais significativo – em comparação aos demais casos – da intimidade entre os interlocutores (“Ai, Zé...”); 3) há uma relação entre i3 e i8, sendo que i3 parece ser a percepção anterior à de i8; 4) i8 e i9 são reconhecidos pragmaticamente (por base prosódica, fonética); 5) o nível de força/relevância de todas as inferências é máximo.

T14: - *A senhora tem Porto S... Tô subindo aí, tô subindo aí.*

CRI: todas as inferências de T13 se confirmam.

CRH: T13-h1 é refutada; T13-h2 é confirmada.

IP: i1) todos os *condôminos/moradores* têm *Porto Seguro*; i2) Zé Carlos sabe que essa moradora também tem *Porto Seguro*; i3) Zé Carlos reconheceu a sensualidade na fala da mulher; i4) Zé Carlos mudou de ideia no meio da fala; i5) Zé Carlos tem interesse em atender a essa solicitação; i6) o condomínio/prédio é de apartamentos; i7) a propaganda assumiu tom cômico; i8) em propagandas dessa natureza, o tom cômico marca o término; i9) a propaganda quer mostrar que é mais fácil ligar para a *Porto Seguro* do que chamar o *síndico/zelador*.

HP: h1) a propaganda terminará (com base em i8); h2) Zé resolverá o problema da vizinha (com base em i3, i4 e i5).

Obs: 1) i1 e i2 se baseiam na repetição da pergunta de Zé Carlos para todos; 2) há muitas inferências entre i3 e i4, pois i4 parece ser consequência de i3; 3) i4 seria uma implicatura gerada pela quebra da máxima de quantidade, pois interrompeu sua fala antes de completar uma ideia; 4) i5 seria completada pela ideia de que, nas outras situações, não tinha interesse; 5) i6 se baseia na expressão *tô subindo aí...*; 6) o nível de força/relevância de todas as inferências é máximo.

15: Término.

CRI: T14-i8 se confirma; as demais inferências não são refutadas.

CRH: T14-h1 se confirma; T14-h2 não se refuta nem se confirma.

3.4 Considerações sobre a análise

Até este ponto, todo o exposto colaborou para um encontro entre aspectos teóricos vinculados à Pragmática e à Psicolinguística. A análise apresentada neste capítulo demonstrou a importância dos processos preditivos para a compreensão textual, afirmando e demonstrando sua base inferencial. Na sequência, são feitas revisões breves dos tópicos teóricos tendo em vista relacioná-los à análise.

Todos os tópicos teóricos levantados se inter-relacionaram, sendo demonstrados praticamente nos percursos de raciocínio apresentados nos trechos do texto.

Os modelos de processamento *top-down* e *bottom-up* mostraram-se eficazes ao relacionarem-se teoricamente com a categoria das inferências pragmáticas (que dependem do contexto de mundo). Nas análises, parece não haver diferença entre o conceito de “conhecimento de mundo” ou “conhecimento prévio” e o contexto de uso. Veja-se, por exemplo, a primeira inferência gerada T1-i1: o som é de uma chamada telefônica, ou mesmo T2-i1: um homem atendeu o telefone. Parecem ambas ser de grande obviedade. Entretanto, o reconhecimento do soar de um telefone ou de uma voz masculina são processos de base pragmática, ou seja, baseados em contexto de mundo. Explicando o processamento, seria possível dizer que o *input* é recebido e é processado de maneira a ser completado com uma informação do *background* do indivíduo (mescla dos processamentos ascendente e descendente).

Outra inferência que dependeu estritamente de conhecimentos anteriores foi o reconhecimento da expressão “Você tem Porto Seguro?”.

Sem uma informação prévia, não há como saber do que se trata “Porto Seguro” nesse contexto.

Sobre o conceito de predição como perguntas e previsões focais ou globais de Smith (1989), pode-se considerar o reconhecimento do início de uma propaganda no contexto de uma emissão radiofônica como uma predição global, e a certeza de, após o primeiro “Alô”, em T2, ouvir-se a fala de outra pessoa, como uma predição focal (e, veja-se, baseada em uma inferência pragmática ou no conhecimento prévio de que, em um diálogo telefônico, na maioria das vezes em que uma pessoa atende, outra falará com ela em seguida).

Ainda sobre as predições, como dito, sempre haverá a possibilidade de que sejam confirmadas ou refutadas, dependendo da informação apresentada na sequência do texto. O campo **CRH** dedicou-se a mostrar esse processo, em cada trecho, informando a confirmação ou a refutação das hipóteses de trechos anteriores. Ressalte-se nesse campo a diferença entre as expressões “não refutada” e “confirmada”. A hipótese não refutada não deve ser entendida como confirmada, mas tampouco como refutada. Ela provavelmente receberá sua confirmação ou refutação em trechos posteriores.

Seguindo o caminho teórico traçado, a opção por um texto de gênero oral foi pela possibilidade inovadora de uso dos conceitos psicolinguísticos. A inferência pragmática já é estudada em gêneros orais, haja vista a exemplificação por diálogos feita na exposição dos pressupostos. Porém, e como dito anteriormente, alguns estudos sobre estratégias de leitura, por exemplo, estão, ainda, restritos ao texto escrito.

Sobre a caracterização das inferências, importante para o seu reconhecimento, pode-se citar como exemplo o trecho T13, em que a mudança na prosódia da fala da personagem em relação à dos anteriores é aspecto chave para a inferenciação de que a situação se apresentava diferente e de que a resposta de Zé Carlos também seria diferente.

Finalmente, no que se refere à noção de relevância (TR), poderiam ser colocadas muitas outras inferências possíveis em cada trecho, principalmente se houvesse o levantamento dos percursos inferenciais de vários informantes, por exemplo. Porém, a maximização da relevância sempre leva a “filtrar” as principais inferências possíveis. Por isso há poucas de nível MF^a ou mesmo F^a.

É importante ressaltar que, ao construir-se essa estrutura de análise, buscou-se o máximo de organização e clareza na forma de apresentação das informações, tendo em vista a dificuldade de explicitar e demonstrar análises de textos longos. Historicamente, os estudos linguísticos têm preferido deter-se no nível da frase, dada essa dificuldade. Ou seja, a estrutura construída revelou-se como tentativa de exploração de um texto e de demonstração das – complexas – relações entre as partes.

4 CONCLUSÃO

O presente trabalho abordou a capacidade humana de produzir e compreender inferências, relacionando-a com a capacidade de fazer predições em contextos linguísticos. Nos fundamentos das reflexões, estão a Psicolinguística e a Pragmática utilizadas em conjunto, fato que também era intuito, dada a necessidade atual de promover as relações entre as áreas do conhecimento para o avanço deste: as interfaces.

Para tais intuítos, a estrutura da pesquisa incluiu análise de um texto do gênero rádio-propaganda³⁰ dividido e analisado em trechos, levando em conta os percursos inferenciais de cada trecho e as relações destes com as predições possíveis (entre trechos).

A análise permitiu delimitar as fronteiras entre processos inferenciais e preditivos em linguagem natural. Ao início do trabalho, parecia um tanto confusa a margem limite entre o “fim” de uma inferência e o “início” de uma predição; os processos pareciam mesclar-se.

Na primeira análise, com os conceitos ainda não bem definidos, parecia que a inferência possível e a hipótese preditiva expressa em T9-h1 (a propaganda terminará), por exemplo, seriam iguais. Porém, a palavra *processo* foi a chave para o entendimento dos conceitos e sua aplicabilidade. Com uma análise aprofundada, percebeu-se que uma hipótese preditiva tem de estar fundada no fato de ser algo vindouro antevisto pela base linguística e por raciocínios feitos sobre ela.

³⁰ Cedido pela seguradora Porto Seguro.

Portanto, foi necessária a compreensão de que a inferência é um raciocínio obrigatoriamente anterior ao raciocínio preditivo e, logo, houve necessidade de explicitar esse raciocínio inferencial em que se baseia cada predição.

Durante a análise, foi possível perceber que são feitas muitas inferências para que se chegue a uma hipótese preditiva, já que há necessidade de completude de vários “vazios”, não ditos, antes de surgir a previsão. Logo, todas as inferências feitas, de maneira geral, estão direta ou indiretamente ligadas às predições. Nesse sentido, pode-se afirmar que o número de raciocínios inferenciais não está ligado ao número de hipóteses preditivas já que eles não são proporcionais.

Pôde-se notar também que as predições muitas vezes são conclusões de inferências lógicas, como no caso de T10-i4 cuja conclusão é T10-h1 (as propagandas mostram as vantagens do que anunciam, logo, esta também o fará).

As inferências, assim como as hipóteses de predição, também passam por um processo de confirmação ou refutação já que qualquer raciocínio, mesmo o mais lógico, pode gerar conclusões equivocadas em linguagem natural. Mas há inferências que, mesmo não sendo confirmadas nem refutadas, são aceitas para o bem da construção, do contexto e da coerência da situação comunicativa. No caso, aceita-se, por inferência, embora não seja dito nem confirmado em momento algum no texto, que Zé Carlos é um tipo de síndico ou zelador do prédio e que os demais personagens são condôminos ou moradores do prédio ou bloco, dada a necessidade dessas duas informações para a lógica interna da situação.

Dadas tais reflexões, deseja-se reafirmar a visão interfáctica assumida durante todo o percurso no sentido de relacionar predição e inferência, Pragmática e Psicolinguística. A análise auxilia na corroboração da hipótese de que a capacidade preditiva só é possível se fundamentada em processos inferenciais de forma a: tomar a linguagem, considerar seus vazios, completá-los, produzir a hipótese preditiva. Campos resume esse processamento afirmando que “a predição é uma inferência para o futuro”.

Ainda sobre o aspecto da interface, Pragmática e Psicolinguística, apesar de terem pontos teóricos de contato, haja vista as conclusões do presente trabalho, são disciplinas muito diferentes quanto se trata de pesquisa. A primeira se desenvolve de forma muito mais teórica e a segunda, de forma muito mais aplicada. Assim, para trabalhá-las unificadamente, foi necessária uma metodologia que envolvesse, em parte, reflexões teóricas e, em parte, certo nível de aplicação. Daí o uso de um texto oral que permitiu reflexões teóricas próximas à sua aplicação social e possíveis de realização nela.

Concluindo, é sabido que todos os estudos constituem-se como pontos específicos de contribuições científicas, que podem deixar (ou ir deixando) sua especificidade se forem continuados por outros estudos, relacionados a outras áreas do conhecimento e aplicados a situações reais.

O presente estudo não tem a pretensão de apresentar palavras finais e conclusivas sobre os processos envolvidos. Em tempos de pesquisas neurocientíficas, os constructos puramente teóricos sobre a linguagem humana tem o mérito de mais gerar questionamentos do que de propriamente respondê-los.

Portanto, é dever de todo o pesquisador fomentar a continuidade de seus estudos e reconhecer seu feito como parte diminuta de contribuição científica. É o que se fará neste ponto.

Este trabalho foi orientado por questionamentos durante todo o percurso. Ao início, perguntas sobre inferências; na sequência, perguntas sobre o processo preditivo e, por fim, são necessárias perguntas que fomentem estudos subsequentes: partindo da análise teórica do processamento da compreensão da linguagem humana, em que medida efetivamente estão relacionados processos preditivos e inferenciais? No cérebro, como se dão e onde se localizam esses processos? Será possível conhecer comprovadamente o percurso de raciocínio ao inferir e ao predizer? Quais as variáveis efetivamente relacionadas a capacidades de raciocínios linguísticos mais e menos apurados? Quais as variáveis para a estipulação dos níveis de relevância das conclusões inferenciais? Em que medida a lógica está presente em percursos inferenciais?

Espera-se que a continuidade dos estudos e o interesse pelo (re)conhecimento da linguagem tragam à comunidade científica, à academia (e às escolas em geral) respostas para esses e outros questionamentos, mantendo a dinâmica do saber e do querer saber. Pois é somente conhecendo as capacidades cognitivas humanas (como a inferenciação e a predição) que se poderá desenvolvê-las plenamente e é relacionando áreas do conhecimento que se conseguirá estudá-las (e abordar seus objetos) completamente.

REFERÊNCIAS

CLARK, H. H. Bridging. In: JOHNSON-LAIRD, P.N.; WASON, P.C. (Edit.). *Thinking: readings in cognitive science*. Cambridge: Cambridge University, p. 411-20, 1977.

COSCARELLI, C. V. Reflexões sobre as inferências. Anais do VI CBLA - Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada, Faculdade de Letras da UFMG, CD Rom, 2002.

COOK, A. E.; LIMBER, J. E.; O'BRIEN, E. J. Situation-based context and the availability of predictive inferences. *Journal of Memory and Language*, n. 44, p. 220-234, 2001.

COSTA, Jorge Campos. *A relevância da Pragmática na Pragmática da Relevância*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

GARNHAM, A. Inference in language understanding: what, when, why and how. In: DEITRICH, R.; GRAUMANN, C. F. (Edit.). *Language Processing in Social Context*. North-Holand: Elsevier Science Publishers, 1989.

GOODMAN. Kenneth. Learning to read is natural. In: *Conferência sobre teoria e prática da instrução do começo da leitura*. University of Pittsburg, 1976.

_____. Unity in reading. In: SINGER H.; RUDDELL, R. B. *Theoretical model and processes of reading*. Newark Delaware: Internacional Reading Association, 1985.

_____. The reading process. In: CARRELL, P. L.; DEVINE, J.; ESKEY, D.E. *Interactive approaches to second language reading*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

GOUGH, P. B. One second of reading. In: KAVANAGH, J.F.; MATTINGLY, I.G. *Language by ear and by eye*. Cambridge: MIT Press, 1972.

GRICE, P. Logic and Conversation. In: COLE, P., MORGAN, J. L. *Syntax and semantics*. New York: Academic Press, 1975.

_____. Meaning. *The Philosophical Review*, Cornell University. Vol. 66, No. 3, 1957, pp. 377-388.

KINTSCH, Walter. The use of knowledge in discourse processing: A construction-integration model. *Psychological Review*, n. 95, p. 163-182, 1988.

LEVINSON, S. C. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

MARSLEN-WILSON, W. D. Linguistic description and psychological assumptions in the study of sentence perception. In: WALES, R. J.; WALKER, E. C. (Eds.). *New approaches to language mechanisms*. Amsterdam: North Holland, 1976.

MCLEOD, J. *Inference and cognitive syntesis*. Universidade de Alberta. Dissertação de doutorado, 1977.

MORROW, Daniel; GORDON, H. Bower; GREENSPAN, Steven L. Situation-based inferences during narrative comprehension. In:

GRAESSER, A. C.; BOWER, G. H. *Inferences and Text Comprehension*. San Diego: Academic Press, p.123-135, 1990.

NARVAEZ, D.; Van den Broek, P.; RUIZ, A. B. The influence of reading purpose on influence generation and comprehension in reading. *Journal of educational Psychology*, v.91, n.3, p. 488-496. (1999).

PEREIRA, Vera Wannmacher. Estratégias de leitura virtuais e não virtuais no ensino fundamental. *Anais do VI Congresso da Abralín*. João Pessoa, 2009, v.2. Disponível em <http://www.abralin.org/>

_____, Vera Wannmacher. Estratégia de predição: plano semântico da língua e ensino da leitura. In: *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 34, n. 57, 2009. Disponível em <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/index>

_____, Vera Wannmacher. *E-book e A-book: compreensão, processamento e aprendizagem por alunos do ensino do ensino fundamental*. Projeto de Pesquisa. Faculdade de Letras. PUCRS. 2012a.

_____, Vera Wannmacher et al. *Estratégias de compreensão: abook para alunos do ensino fundamental*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012b.

Disponível temporariamente em:

http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/projetos/ebookabook/abook/V3/a_book_2011.html

PREECE, J.; ROGERS, Y.; SHARP, H. *Design de interação: além da interação homem-computador*. Porto Alegre: Bookman, 2005.

RAYNER, K.; FRAZIER, L. Selection mechanisms in reading lexically ambiguous words. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, n.15, p.779-790, 1989.

RUMELHART, D. E. Toward an interactive model of reading. In: DORNIC, S. *Attention and performance VI*. Hillsdale, N.J.: Erlbaum, 1977.

SCLIAR-CABRAL, L. *Introdução à psicolingüística*. São Paulo: Ática, 1991.

SCOTT, Michael. Lendo nas entrelinhas. *Ilha do Desterro*. Florianópolis, n.13, p.101-123, 1985.

SMITH, Frank. *Compreendendo a leitura: uma análise psicolingüística da leitura e do aprender a ler*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura e de escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

STERNBERG, R. J. *Psicologia cognitiva*. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

TRABASSO, T.; MAGLIANO, J. P. Conscious understanding during comprehension. *Discourse Processes*, 21, 255-288. 1996.

YEKOVICH, Frank R.; WALKER, Carol H.; OGLE, Laurence T.; THOMPSON, Michele A. The influence of domain knowledge on inferencing in low-aptitude individuals. In: GRAESSER A., BOWER G. H. (Edit.). *Inferences and Text Comprehension*. San Diego: Academic Press, v.25, p.259-278, 1990.

ANEXO 1

Cd com áudio da rádio-propaganda utilizada

ANEXO 2

Contato seguradora Porto Seguro

Recebido.

Muito obrigado.
A empresa foi muito atenciosa.

Prof. Jonas

To: jonasrsaraiva@hotmail.com
CC: jonasaraiva@yahoo.com.br; jonas.saraiva@maristas.org.br
Subject: RE: Porto Seguro - Resposta 1188820
From: nataly.rodrigues@portoseguro.com.br
Date: Fri, 20 Apr 2012 08:14:04 -0300

Jonas, bom dia.

Agradecemos o seu contato.

Anexo, o spot de rádio solicitado para que você possa utilizar em seu trabalho.

Solicitamos, se possível e obviamente se você permitir, que quando pronto você nos envie uma cópia de seu trabalho para que possamos guardar em nossos arquivos. Ok?

Qualquer coisa, estamos a disposição.
Obrigada. Att,

Nataly Rodrigues
Marketing - Tel.: (11) 3366-6556
Porto Seguro - <http://www.portoseguro.com.br>
falecom@portoseguro.com.br
Enviado Por: Tamires Moreira
18/04/2012 18:15

Mensagem:

Email enviado por internauta

Olá, Sou professor de língua portuguesa e mestrando em linguística pela PUCRS e estou fazendo um trabalho de análise de inferências em textos de gêneros variados. Sou ouvinte assíduo da rádio BANDNEWS e o texto da propaganda da Porto seguro (aquela do Zé, síndico, que atende ao chamado da última moradora, porque ela está ensaboada...) é muito interessante. Mas para que ele possa constar em minha dissertação de mestrado (com as devidas referências à marca e ao veículo de divulgação) precisaria do arquivo de áudio do mesmo. Já procurei em vários sites (inclusive no da Porto Seguro e no da Band News FM), mas não o encontrei. Enviei esta mesma mensagem à BANDNEWS e me responderam que, por ética, não podem ceder anúncios. Orientaram-me a entrar em contato diretamente com a PORTO. É possível ter acesso a tal arquivo de áudio? O que preciso fazer? Grato. Prof. Jonas Saraiva

ID: 5BC86D349D834B9E032579E40074B03B
No. Controle: 1188820